

Memória

“Conservo todas estas coisas na memória e conservo-as na memória como as aprendi. Ouvi e conservo na memória muitas outras coisas que são alegadas, com a maior falsidade, contra estas; embora essas coisas sejam falsas, todavia não é falso que eu me lembre delas; e também me lembro de ter distinguido entre aquelas coisas, verdadeiras, e estas, falsas que são aduzidas em contrário, e agora vejo que distingo estas coisas de uma forma, ao passo que me lembro de as ter distinguido muitas vezes de outra forma, quando muitas vezes pensava nelas. Por isso, lembro-me muito mais vezes de ter compreendido estas coisas, e o que agora distingo e compreendo, guardo-o no fundo da memória, de maneira a que posteriormente me lembre de o ter compreendido agora. Por isso, lembro-me de me ter lembrado, assim como, posteriormente, se me recordar de que agora pude rememorar estas coisas, hei-de recordá-lo certamente pela força da memória.” (Agostinho, 2004, p. 465)

A memória é a capacidade de adquirir, armazenar e evocar – aquisição/recuperar - informações disponíveis, seja internamente, no cérebro - memória biológica -, seja externamente, em dispositivos artificiais - memória artificial.

A memória focaliza coisas específicas, requer grande quantidade de energia mental e deteriora-se com a idade. É um processo que conecta pedaços de memória e conhecimentos objectivando o fim de gerar novas ideias, levando à possibilidade constante de tomar decisões diárias.

Os psicólogos e neurologistas distinguem *memória declarativa* de *memória “não-declarativa”*. A *grosso modo*, a memória declarativa armazena o *saber que* algo se deu, e a memória *“não-declarativa”* o *como* isto se deu.

A memória declarativa, como o nome sugere, é aquela que pode ser declarada - factos, nomes, acontecimentos - e é mais facilmente adquirida, mas também mais rapidamente esquecida. Para abranger os outros animais (que não falam e logo não declaram, mas obviamente lembram), essa memória também é chamada explícita. Memórias explícitas chegam ao nível consciente. Esse sistema de memória está associado com estruturas no lobo temporal¹ (ex: amígdala). Os psicólogos distinguem dois tipos de memória declarativa, a *memória episódica* e a *memória semântica*. São

¹ Zona superior recebe e processa informação auditiva. As áreas associativas deste lobo estão envolvidas no reconhecimento, identificação e nomeação dos objectos.

instâncias da memória episódica as lembranças de acontecimentos específicos. São instâncias da memória semântica as lembranças de aspectos gerais.

Já a memória “*não-declarativa*”, também chamada de implícita ou processual, inclui procedimentos motores, como desenhar com precisão. Essa memória depende dos gânglios basais e não atinge o nível de consciência. Ela, em geral, requer mais tempo para ser adquirida, mas é bastante duradoura.

Memória, segundo diversos estudiosos, é a base do conhecimento. Como tal, deve ser trabalhada e estimulada. É através dela que damos significado ao cotidiano e nos permite acumular experiências para utilizar durante a vida. (Memória, 2008)

Antes da invenção do primeiro alfabeto, todo o processo de transferência de informação era basicamente oral e, para tanto, os povos precisaram de desenvolver técnicas eficazes de memorização de forma a assegurar sua unidade política, social e religiosa. A arte da memória foi sendo deixada de lado com o advento da imprensa - que eliminou a necessidade de uma memória artificial.

Os antigos gregos consideravam a memória uma identidade sobrenatural ou divina: era a deusa Mnemosine, mãe das Musas, que protegem as Artes e a História. A deusa Memória dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a colectividade. Tinha o poder de conferir imortalidade aos mortais, pois quando o artista ou o historiador registam a fisionomia, os gestos, os actos, os feitos e as palavras de um ser humano ou ente social, este nunca será esquecido e, por isso, tornando-se memorável, não morrerá jamais.

Como ilustração deste papel importantíssimo para a sociedade humana e, mais uma vez, espelhar a importância para o quotidiano de uma memória viva, podemos reflectir sobre a lenda de Simónides Ceos², o poeta grego que ficou famoso pelos seus *palácios de memória*: Conta a lenda que o poeta foi convidado pelo rei a fazer um poema em sua homenagem, e, assim aconteceu. No entanto, o poeta dividiu o poema em duas partes, na primeira louvava o rei e, na segunda, os deuses Castor e Polux³. O

² Simónides (em grego, Σιμωνίδης - Simōnīdēs, na transliteração) de Ceos, nascido em 557-556 a.C., foi um poeta grego, o maior autor de epigramas do período arcaico. Marca uma mudança na Tradição Poética pois é o primeiro a fazer da Poesia um ofício e receber benefícios por ela. É a Simónides que a Antiguidade atribui a famosa definição: “A pintura é uma Poesia silenciosa e a Poesia é uma pintura que fala”.

Toda uma Tradição atribui-lhe a invenção da Mnemotécnica, o que significa no plano poético a colocação em prática de procedimentos de memorização.

³ Na mitologia grega os Dióscuros (em grego, Διόσκουροι, *Dioskouroi*), *Castor* e *Polideuco* (Κάστωρ και Πολυδεύκης), na mitologia romana os Gemini (“*gêmeos*”, em latim) ou Castores, *Castor* e *Polux* eram os filhos gêmeos de Leda e os irmãos de Helena e Clitemnestra. *Kastor* é o grego para “*castor*”, e *poludeukeis* significa “*muito doce*”. Por ser filho de um deus, Polux foi agraciado com o dom da imortalidade. Por serem inseparáveis, quando Castor morreu, Polux recusou a imortalidade enquanto

rei agradecido ofereceu um banquete no qual Simónides leu o poema e, no final, pediu o merecido pagamento. Como resposta, o rei disse-lhe que, como o poema também estava dedicado aos deuses, pagaria metade e a outra metade que a fosse pedir a Castor e a Polux. Logo depois, um mensageiro aproximou-se de Simónides e disse-lhe que dois jovens o procuravam fora do palácio. O poeta saiu ao seu encontro mas não encontrou ninguém. Enquanto estava no jardim, o palácio desabou e todos morreram. Castor e Polux, os dois jovens que o fizeram sair do palácio, salvando-o, pagaram o poema. As famílias dos demais convidados desesperaram-se porque não conseguiam reconhecer os seus mortos. Simónides, porém, lembrava-se dos lugares e das roupas de cada um e pôde assim ajudar na identificação dos mortos.

Memória em última instância é conhecimento, como processo de aprendizagem, inerente, segundo Piaget, à faculdade do ser humano de pensar. O pensamento que comanda o ser humano e lhe atribui qualidades ímpares no reino animal permitindo-lhe modelar o mundo que o rodeia. Então, a actividade de pensar confere ao Homem e à Mulher asas para mover-se no mundo e raízes para aprofundar-se na realidade. Etimologicamente, pensar significa avaliar o peso de alguma coisa. Em sentido amplo, podemos dizer que o pensamento tem como missão tornar-se avaliador da realidade.

Sendo o pensamento construído e construtivo do conhecimento e, por sua vez, a memória garante desse processo definido como aprendizagem presente e futura, cabe-lhe o papel de preservação do crescimento do ente social enquanto sinónimo de emancipação.

Para Descartes⁴, a essência do homem é pensar, “Penso, logo existo.” Por isso dizia: “Sou uma coisa que pensa, isto é, que duvida, que afirma, que ignora, que ama, ue odeia, que quer e não quer, que também imagina e que sente”. Assim é o Homem.

permanecesse separado de seu irmão. Como Zeus, seu pai, não podia convencer Hades, o deus dos mortos a trazer Castor de volta à vida, ficou decidido que os dois irmãos passariam metade do ano nos infernos, e outra metade no Olimpo. Existe outra versão na qual Zeus transforma Castor e Polux na constelação de Gémeos.

⁴ René Descartes (31 de Março de 1596, La Haye en Touraine, França — 11 de Fevereiro de 1650, Estocolmo, Suécia). Matemático, Cientista e Filósofo francês. Um dos fundadores da filosofia moderna assente numa concepção unitária do saber, fundada na razão. A sabedoria é única, porque a razão é única, e só ela nos permite distinguir o verdadeiro do falso, o conveniente do inconveniente. Com o objectivo de criar um fundamento seguro para a filosofia, desenvolve um método de dúvida radical, que constitui a base da sua filosofia, chegando à primeira certeza indubitável: “*Cogito ergo sum*” e daí à existência de Deus.